

“Ernesto Nazareth”

Documentário exibido no canal STV no dia 19 de março de 2004.

Transcrito por Alexandre Dias.



1º Bloco – Ernesto Nazareth

Brejeiro (Eudóxia de Barros- gravação para o programa)

Eudóxia de Barros (intérprete): Bom, Ernesto Nazareth não pode ser considerado totalmente um compositor erudito, mas tampouco pode ser considerado totalmente popular. Eu diria um semi-erudito.

Ricardo Cravo Albin (pesquisador musical): Mas em qualquer campo, ele sempre é magistral.

Maricenne Costa (cantora): Sua música era... Precisava de muita técnica e domínio do teclado.

Fernando Faro (pesquisador musical): Então era uma pessoa muito acima dos demais... Acima da própria Chiquinha, do Callado...

Reynaldo Tavares Mas (pesquisador – historiador): Mas Ernesto Nazareth não ficou apenas no choro, o tango brasileiro também é de autoria de Ernesto Nazareth. E na sua enorme folha de serviço, existem várias composições de muito sucesso, entre eles, brejeiro.

Luiz Antônio de Almeida (biógrafo): Às vezes a gente escuta um brejeiro, que é uma obra com mais de 100 anos, 110, 120 anos, e tá aí. Será que essas músicas de hoje que a gente escuta na rádio infernizando nossos ouvidos, será que daqui a 120 anos a gente vai –nós não vamos ouvir- mas será que ainda vão ser ouvidas? E isso é uma satisfação pessoal, de saber que esse lixo que a gente escuta hoje em dia não vai se ouvir daqui a 120 anos, e o Nazareth, sim, vai continuar sendo sempre ouvido, e talvez ele até pensasse assim.

Sustenta a Nota (gravação comercial de Maria Teresa Madeira)

Odeon (Eudóxia de Barros- gravação para o programa)

Narrador: Ernesto Nazareth, além de autor de 213 composições, foi o maior compositor de tangos brasileiros, e o principal demarcador de novos rumos para o choro, sendo o compositor erudito brasileiro mais executado dentro e fora do país, depois de Heitor Villa-Lobos.

Oswaldo Lacerda (compositor): Considero um popular. Grande maioria das pessoas que apreciam ou gostam do Nazareth o consideram popular. Mas sem dúvida nenhuma ele está acima. Agora o problema seria classificá-lo como erudito ou semi-erudito. Semi-erudito eu posso garantir que ele é. Sem dúvida.

Eudóxia de Barros: Eu não vou dizer que ele tenha sido fundador do nacionalismo na música brasileira. Não foi o fundador, quer dizer, já tinha havido precursores como por exemplo o padre José Maurício Nunes Garcia, o Carlos Gomes, o Brasília Itiberê da Cunha, e também os fundadores, que tinham sido o Alexandre Levy aqui em São Paulo, e o Alberto Nepomuceno no Ceará. Tudo bem, mas ele foi muito importante na maneira como ele fixou esse nacionalismo. A partir daí que realmente todos os compositores começaram a ver a necessidade de por uma marca registrada no nosso tipo de música, e que era então aproveitando o folclore, aproveitando aqueles ritmos brasileiros. E foi o que aconteceu.

Ricardo Cravo Albim: Mario de Andrade, aliás, foi perfeito ao defini-lo: é um compositor que gravita com sutileza e com graça pelo campo popular e pelo campo erudito. Mario de Andrade mais uma vez tinha razão naquela observação. Ernesto Nazareth é precisamente o compositor que pode ser tocado, e como já vem sendo, em salas, em salões diversos, como também é igualmente o compositor popular, que encanta qualquer roda de choro.

Fon-Fon (Maria Teresa Madeira- gravação comercial)

Eudóxia de Barros: Então eu acho que Ernesto Nazareth traduziu como ninguém, assim, o espírito do povo brasileiro, essa brejeirice, essa sensibilidade do povo brasileiro.

Maria Teresa Madeira (intérprete): A música dele, ela ficou no meio de muitas definições. Então por exemplo, a gente pode considerar que é um popular muito refinado ou que é um erudito muito popular. Então ficou meio sem definição, e os pianistas clássicos tocam, os pianistas populares também. Então eu acho que como ele queria que a música

dele fosse reconhecida como música de concerto, eu acho que isso é um grande reconhecimento, embora tardio, mas é reconhecido.

Luiz Antônio de Almeida: A palavra “semi”, eu sempre tive uma tremenda má-vontade com ela. Porque “semi” é uma coisa pela metade, não é? E o Nazareth nunca foi um compositor pela metade. Ele estudou o piano clássico sério. Todos os métodos dele que eu guardo são os melhores, os mais indicados pro século XIX. Então ele foi um pianista que estudou pra ser um concertista, um pianista clássico, mas não conseguiu. Os problemas da vida, o nosso mercado, as dificuldades da nossa terra...

Narrador: Ernesto Júlio de Nazareth nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 20 de março de 1863. Filho de Vasco Lourenço da Silva Nazareth, despachante aduaneiro, e Carolina Augusta da Cunha Nazareth.

Luiz Antônio de Almeida: Essa mãe, adorava piano. Viu os filhinhos musicistas, com aquele talento pra música. Então o Vasquinho, o irmão mais velho do Nazareth, tocava flauta, a Nenê cantava, e o Ernesto tocava piano. Então faziam aquele triozinho em casa, aquelas brincadeiras, aqueles saraus, aquelas coisas todas, porque naquele tempo, para se ouvir música tinha que ser em casa mesmo. E alguém tinha que ter um pianinho em casa, alguma coisinha pra se ouvir música. E o que aconteceu foi que ali, naquele ambiente, a mãe pianista, todo mundo se reunia à tarde de um domingo pra escutar a Carolina tocando, então aquilo mexeu um pouco com a cabeça do Ernesto, da criança. E ele então ficou entusiasmado, a mãe foi a sua primeira professora. Então o piano surgiu na vida do Nazareth graças à mãe, a Carolina Augusta. Aos 14 anos compôs a sua primeira música que foi a polca-lundú chamada “Você Bem Sabe”, e isso foi em 1877. Fez sucesso, começou a ganhar os seus mil-réisinhos ali, o seu dinheirinho. Aquilo animou ele bastante, e a partir daí, isso já é em 1878, quando foi editada a polca-lundu “Você Bem Sabe”, ele compôs durante 54 anos. Quando a gente pensa em música brasileira, eu acho que os maiores nomes dessa segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, foram Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga. Os mais importantes nomes foram o de Ernesto e o da Chiquinha.

Maria Teresa Madeira: Porque apesar de a Chiquinha Gonzaga ter sido pianista, ter escrito pra piano também, ela não tinha essa veia erudita com que o Nazareth teve contato. Ele era um pianista erudito. E ele tocava Chopin, tocava o repertório Europeu, e gostava. Então a gente vê muitas influências das composições desses compositores na música dele. Só que ele colocou isso de uma maneira muito nossa, muito genuína.

Garoto (Maria Teresa Madeira- gravação comercial)

Narrador: Por volta dessa época, sofreu violenta concussão na cabeça ao cair de uma árvore dando início, assim, à série de problemas auditivos que o levariam, com o passar dos anos, à quase completa surdez.

Reynaldo Tavares: E essa surdez, ela, à medida que os anos foram passando, essa surdez foi se acentuando. E já com uma idade avançada, já com 70, 71 anos de idade, essa

perturbação na surdez acabou em sendo também acoplada ou influenciada na sua maneira de ser no seu todo.

Luiz Antônio de Almeida: Ele tocava piano com o ouvido praticamente colado ao teclado. Ele tocava nervoso, ele virava pras pessoas e falava assim: “Tá saindo direitinho? Tá bem tocado?”, então isso o aborrecia demais. E de repente ele começou a aparecer com umas esquisitices. Crises de choro... Em 1930, ele foi a um recital da Guiomar Novaes no Teatro Municipal, teve que sair porque teve uma crise de choro tremenda em pleno teatro, ele se emocionou e mais aquilo. As pessoas estavam desconfiadas, as pessoas achavam que aquilo era da surdez, do comportamento de artista... Mas sabe que depois de muitos anos, eu consegui descobrir que não era sistema nervoso abalado por causa de surdez... O Nazareth era sífilítico. O Nazareth pegou a sífilis, a sífilis atingiu o sistema nervoso dele, como também sífilítico foi Mário de Andrade, como também sífilítico foi Gustavo da Lara, como também sífilítico foi Scott Joplin, o que é uma espécie de similar do Nazareth americano... Scott Joplin também terminou os dias dele num hospício. E o que aconteceu é que Nazareth... o micróbio da sífilis atingiu o sistema nervoso dele, e ele enlouqueceu. Foi obrigado então a ser internado numa casa de saúde, que era o antigo Hospício Dom Pedro II, que funcionava num prédio ali da Urca, onde hoje em dia é a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dali ele foi pra Colônia Juliano Moreira em Jacarepaguá, onde ele terminou os seus dias.

Narrador: Aos 14 anos de idade, em 1877, Ernesto Nazareth compôs sua primeira música, a polca-lundú “Você Bem Sabe”, que foi editada no ano seguinte. Dois anos depois, sua obra musical já apresentava características de tango brasileiro, como na polca-lundú “Cruz Perigo”, que imediatamente se tornou muito popular.

2º Bloco – O Pai do Tango Brasileiro

Você Bem Sabe (Maria Teresa Madeira - gravação comercial)

Maricenne Costa: Porque existe o tango argentino, e o tango brasileiro é diferente, ele é meio parecido com o choro, o tempo dele pra tocar.

Maria Teresa Madeira: Existem milhões de teses para definir o que é o tango brasileiro. Mas eu acredito que o Nazareth, ele tem uma contribuição muito forte nesse gênero pianístico. Carinhosamente eu chamaria ele de pai [do tango brasileiro]. Eu não sei se historicamente todo mundo concordaria com isso, mas eu particularmente acho que ele tem uma grande parcela nisso, porque ele caracterizou essa música, esse estilo.

Oswaldo Lacerda: Bom, “pai” é no sentido que foi ele quem mais divulgou. Mas não foi o pai, não foi o primeiro que criou. Eu posso fazer um paralelo com o grande compositor austríaco Haydn. Haydn é chamado o “pai da sinfonia”, e pode ser chamado também o “pai do quarteto de cordas”, mas já existiam precursores antes dele. Seria o caso do Nazareth.

Ricardo Cravo Albim: Portanto, Ernesto Nazareth, é claro, seria o pai do tango brasileiro, que não é na verdade o frigar dos ovos outra coisa se não o choro.

Luiz Antônio de Almeida: Agora, a Chiquinha Gonzaga, antes de o Nazareth compor o seu primeiro tango, e isso em 1893, que foi o Brejeiro, a Chiquinha Gonzaga já tinha editado uns 13 tangos mais ou menos. Então eu acho que, antes do Nazareth, poderíamos chamar de a “mãe do tango”, foi a Chiquinha Gonzaga.

Narrador: Em 14 de julho de 1886, Ernesto Nazareth casou-se com Theodora Amália Leal de Meireles. Da união nasceriam, os filhos: Eulina, Diniz, Maria de Lourdes, e Ernestinho. Sua carreira como pianista e compositor prosseguia, e em 1889 apareceu editada sua 13ª polca: Atrevidinha. Mas o grande sucesso aconteceria em 1893 com o seu primeiro tango: Brejeiro.

Brejeiro (Maria Teresa Madeira, Marcus Viana e Sebastião Vianna- gravação comercial)

Luiz Antônio de Almeida: Gravar uma música não era uma coisa muito fácil porque na fase mecânica, as gravadoras não existiam, a única que fazia isso era a Casa Edison, e às vezes gravavam aqui mas o disco era impresso na Europa, então tinha uma tremenda dificuldade. Então quando você tinha uma música gravada, isso já era uma forma de dizer que você tinha alcançado algum sucesso. Quando a música era gravada com letra, o sucesso ainda era maior porque todo mundo podia cantar. E o que aconteceu com o Nazareth, foi que a primeira obra dele gravada, parece que em 1904 ou 1905, foi o Brejeiro com uma letra quilométrica do Catullo da Paixão Cearense, e foi um sucesso fabuloso, todo mundo... foi um dos discos talvez mais vendidos no Brasil inteiro. Chegou a encher a paciência dos cariocas essa música. E era curioso no final da vida do Ernesto, quando ele tocava o Brejeiro, as pessoas falavam “Maestro, essa música é sua?”. Não acreditavam que aquela música fosse dele. Porque às vezes o sucesso acompanhava a música, mas ninguém sabia quem eram os autores. Então às vezes a música ficava com grande sucesso, mas não sabiam que aquela música era de fulano, beltrano então era uma coisa assim que, foi realmente um grande sucesso do Ernesto Nazareth o Brejeiro com a letra do Catullo Cearense.

Narrador: Já em 1908, trabalhando como pianista demonstrador da Casa Mozart, Ernesto Nazareth era constantemente convidado para apresentações públicas, e participou a convite do maestro Alberto Nepomuceno por duas vezes nas comemorações do centenário de abertura dos portos na Praia Vermelha. Em 1909, acompanharia o jovem Heitor Villa-Lobos de 24 anos em sua primeira apresentação pública na peça Le Cygne, de Saint-Saëns, para violoncelo e piano. Em 1910, Ernesto Nazareth passou também a tocar piano na sala de espera do antigo Cinema Odeon, que acabou lhe rendendo inspiração para compor o tango Odeon, um de seus maiores sucessos.

Luiz Antônio de Almeida: Registros fonográficos de Nazareth já chegam a 1.300 [fonte: pesquisa de Alexandre Dias], então Nazareth ter a obra dele alcançado 1.300 gravações, um compositor de 3º mundo, como é o nosso, um compositor que pensou em piano, já ter alcançado 1.300 gravações isso é um sucesso, isso é uma coisa tremenda. Você vê que é uma coisa assim que só nos traz orgulho, esses registros fonográficos do Nazareth. Mas eu tenho a impressão de que quando se pensa em Nazareth, pensa-se em Odeon.

Odeon (Eudóxia de Barros – gravação feita para o programa)

Luiz Antônio de Almeida: O Odeon recebeu uma letra nos anos 40, exatamente para trazer uma espécie de um atrativo em uma edição que eles fizeram, mas uma letra tenebrosa, uma letra muito ruim. Não fez sucesso nenhum. Em 69 me parece que a Nara Leão pediu ao Vinícius pra colocar uma letra no Odeon porque ela estava terminando um trabalho, um LP chamado “Ora Bolas”, e o Vinícius fez essa letra, e tornou-o clássico. Porque eu nunca vi, parecia que os dois compuseram juntos, que o Nazareth estava ao piano e ele compondo. É um sucesso tremendo essa obra do Nazareth na voz da Nara Leão e com essa letra do Vinícius. Isso foi em 69. Agora o Odeon. Por que que nós falamos o Odeon? Foi a gravadora Odeon? Não, foi o antigo cinema que existia no Rio de Janeiro, na avenida Rio Branco, esquina com 7 de Setembro chamado Odeon. O prédio foi demolido em 1926. Depois criaram mais ou menos em 27, 28, a Cinelândia, e na Cinelândia também fizeram um Odeon. Então nós não podemos confundir o Odeon de hoje, esse Odeon que até hoje é uma das nossas maiores preciosidades arquitetônicas, que é o Cinema Odeon da Cinelândia, com esse antigo Cinema Odeon onde que o Nazareth tocava. Porque ele começou a tocar lá em 1910, e o prédio foi demolido em 1926.

Trecho do filme Melody Time's (1948)

(Walt Disney - Buena Vista Internacional)

Zé Carioca e o Pato Donald dançam ao som de Apanhei-te Cavaquinho, tocado pela organista Ethel Smith.

Narrador: Ernesto Nazareth não chegaria a ver o seu reconhecimento internacional. Em 1948, os estúdios de Walt Disney apresentaram no desenho Melody Time's a música Apanhei-te Cavaquinho

Cena de Fred Astaire dançando com Ginger Rogers.

(That's Entertainment III – Warner Bros. – Warner Home Video Div)

Narrador: Já em 1939, os atores e dançarinos Fred Astaire e Ginger Rogers dançariam a música de Nazareth “Dengoso”, no filme “A história de Irene e Vernon Castle” pela RKO Filmes. Quanto à polca Apanhei-te Cavaquinho, publicada em 1914, esta alcançou retumbante sucesso.

Luiz Antônio de Almeida: O Ernesto apropriou-se de uma gíria, de uma expressão da época... É que quando alguém pegava outra pessoa fazendo alguma coisa errada, dizia-se assim pra ela “Ah! Apanhei-te Cavaquinho!”. Então era uma expressão da época, como hoje em dia é “chutei o pau da barraca”, ou mais alguns anos atrás “estourou a boca do balão”, expressões que daqui a pouco ninguém vai saber o que que significava isso. Já no caso do Nazareth, o Apanhei-te Cavaquinho, a expressão, vem a ser isso. Quando alguém era pego numa situação meio embaraçosa, tal, e alguém fazia questão de lembrar ele. Mas o que aconteceu com o Ernesto é que ele aproveitou na música, na polca, essa expressão... Mas o cavaquinho, no caso, ele quis fazer um acompanhamento como se fosse um cavaquinho, e quis aplicar isso à obra dele da seguinte forma: na mão esquerda, na mão do acompanhamento, ele faz exatamente o acompanhamento de um cavaquinho, então é

aquela coisa quadradinha o tempo inteiro, aqueles arpejozinhos o tempo inteiro, e na mão direita, ele faz como se fosse um som de flauta. Então é bonitinho isso na obra dele... Essa coisa instrumental era até uma novidade. Na época poucos pianistas conseguiam fazer essas alusões de outros instrumentos, aplicar isso na obra para piano. Então ele tentou fazer, e acho que o resultado foi muito bom, e o *Apanhei-te Cavaquinho* é um tremendo sucesso até hoje.

3º Bloco

Travesso (Maria Teresa Madeira – gravação comercial)

Narrador: Em 1919, Ernesto Nazareth começou a trabalhar a convite do compositor Eduardo Souto na Casa Carlos Gomes como pianista demonstrador. No início da década de 20, recebeu de Villa-Lobos uma homenagem: o Choros No.1 para violão. Já consagrado, Ernesto Nazareth em 1925, iniciou sua turnê por São Paulo apresentando-se no Conservatório Dramático Musical e Teatro Municipal, ocasião em que foi homenageado com entusiasmo pelo escritor paulistano Mário de Andrade. Também se apresentou nas cidades de Campinas, Sorocaba e Tatuí no interior de São Paulo.

Maricenne Costa: O Ernesto Nazareth era do povo. Ele era mais assim... Ele não era boêmio, ele não era uma pessoa que saía à noite pra beber, e compor na mesa de bar como era antigamente. Ele era uma pessoa que estudava, que ficava em casa estudando. Então quando ele veio fazer uma apresentação aqui em São Paulo, os Irmãos Vitale passaram uma lista pras pessoas doarem uma quantia pra comprar um piano pra ele, porque ele não tinha piano naquela época que ele veio. Então isso é uma coisa que a gente não sabe como os músicos eram pobres, precários. E instrumentos... pra comprar instrumentos e tudo mais.

Narrador: Em março de 1927, Ernesto Nazareth retornou ao Rio de Janeiro, e continuou seu trabalho musical levando em sua bagagem vários tangos inéditos compostos por ele em São Paulo. No ano seguinte, Ernesto Nazareth completaria 50 anos de atividades artísticas sendo já um músico altamente respeitado, no círculo musical brasileiro.

Luiz Antônio de Almeida: Mas ele trabalhava demais. Como um músico ele tinha que tocar à noite, ele tinha que tocar em bailes... ele tocava para a aristocracia. Ele só tocava nos bailes dos grandes nomes, era o músico mais afamado deles todos. E isso dava a ele às vezes 80, 100 mil réis por noite, e durante o dia ele trabalhava nas casas de música, porque naquele tempo chegava a artista, alguém que quisesse ouvir a novidade e perguntava “Maestro, quais são as novidades?”. Aí ele apresentava as músicas, tocava, e se a pessoa gostava, pagava aquela partitura, e levava pra casa pra alguém tocar em casa. Então ele trabalhava nas casas de música. Era muito sacrifício. Era realmente sacrifício. Uma vez ele mandou uma carta pra uma filha, pra Maria de Lourdes, e a Maria de Lourdes até ficou surpresa com essa cartinha dizendo “Meu pai o senhor não tem tempo pra nada e ainda me faz essa felicidade de me mandar uma carta. Estou muito lisonjeada, e tal”. Então a gente realmente percebe às vezes por um documento desse como ele vivia em luta. Mas ele realmente era um pai amantíssimo, um pai que procurava tratar muito bem as crianças, mas

sempre com dificuldades. As crianças não tinham luxo... Ele adorava a esposa dele a Theodora Amália, e com ela viveu quarenta e poucos anos... Foi um casamento bom no sentido de que ela era uma pessoa muito segura, e ele um artista muito expansivo com a cabeça voltada só à música. Ela foi aquele ponto de apoio do Ernesto Nazareth.

Coração que Sente (Maria Teresa Madeira – gravação comercial)

Narrador: Aos 5 de maio de 1929, faleceu de causas naturais aos 74 anos sua esposa Theodora Amália. E entre o final desse mesmo ano e princípio do seguinte ainda compôs ainda compôs três marchas carnavalescas: Exuberante, Crises em Penca, e Comigo É na Madeira. Em maio de 1930, terminou aquela que seria sua última composição: a valsa Resignação. E em setembro, aceitando convite feito por Eduardo Souto, então diretor artístico da Odeon-Parlophon, gravou Apanhei-te Cavaquinho, Escovado, Nenê e Turuna, sendo comercializado somente o que continha as duas primeiras músicas. No ano seguinte, 1931, apresentou-se em programas da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC, e Mayrink Veiga

Reynaldo Tavares: Em 1923, pra ser mais exato no dia 20 de abril de 1923, surgia a Sociedade Rádio do Rio de Janeiro, que foi fundada, como todos sabem, pelo professor Edgar Roquete Pinto. E o professor, um homem de grande largueza empresarial procurou cercar-se na época dos valores existentes nos vários campos da nossa arte, da nossa cultura. E foi buscar exatamente um pianista, mas um jovem na época compositor, que já introduzia o tango brasileiro, o choro brasileiro, enfim, a composição nas suas raízes dentro do aspecto de brasilidade que foi Ernesto Nazareth. E Ernesto Nazareth foi um dos primeiros contratados da Sociedade Rádio do Rio de Janeiro.

Escorregando (Maria Teresa Madeira e Sebastião Vianna- gravação comercial)

O reconhecimento musical da obra de Nazareth

Eudóxia de Barros: No início fui muito.... mal falada, digamos. Mas depois todo mundo começou a gostar, e ver que era sim... Muita gente fez com certo interesse porque atraía mais público esse tipo de música, e também era uma maneira de ganhar mais aplausos... Porque em geral nos recitais existe todo tipo de público. Público que entende de música, público que não entende de música, então pras pessoas que conheciam mais música popular, esse tipo de música de Nazareth entrava melhor, então esse artista seria mais aplaudido por isso. Então eu acho que de lá pra cá a música de Nazareth que andava muito, muito esquecida começou a ser reverenciada, e eu acho que hoje em dia ela está sendo bastante respeitada, tocada e até mesmo lá fora já tem muita gente tocando.

Oswaldo Lacerda: Ele tinha muito mais conhecimento de música do que os seus colegas da música popular. E ele havia estudado composição segundo afirmam os biógrafos. E também pelo estilo. Ele tem por exemplo... o pianismo dele, a maneira como ele usa o piano é muito rica. As diversas soluções que ele escreve pra um mesmo tipo de música como é o tango. Cada música tem uma solução, uma técnica pianística diferente da outra. Isso só uma pessoa de um nível de conhecimento maior do que o simples popular é que pode adquirir. E também, mal comparando, guardadas as devidas proporções, ele teria feito

no Brasil o que o Chopin fez na Polônia. Que levou uma dança popular como a mazurca a o nível de grande arte. E eu acredito que o Nazareth fez o mesmo aqui. Sempre guardadas as devidas proporções porque o Chopin é um dos maiores gênios da música com a perfeição técnica, com a beleza das melodias, mas o Nazareth não fica longe não. Alguns vão dizer que isso é exagero da minha parte, mas a gente tem de focalizar esses dois compositores nos respectivos países.

Maricenne Costa: Quando Ernesto Nazareth era jovem e já era compositor, o Eptácio Pessoa foi homenageado nos Estados Unidos, e ainda em mil oitocentos e tanto. E quando ele chegou aos Estados Unidos ele foi homenageado com uma música de Ernesto Nazareth. De Nazareth. Lá nos Estados Unidos. Então o pessoal que gosta dos Estados Unidos e tudo mais, os Estados Unidos conhecem talvez mais Nazareth do que o brasileiro de hoje. O brasileiro da minha época e tal... da minha idade assim... se lembra bem.

Brejeiro (Yuka Shimizu – gravação feita para o programa)

Yuka Shimizu (intérprete): E no Japão, quando eu tinha 11 anos, minha professora de piano me mostrou Odeon e Dengoso de Ernesto Nazareth para fazer apresentação de alunos. E no Japão tem um álbum de edições de Ernesto Nazareth que um pianista, um grande pianista fez edição. E nessa oportunidade que eu poderia tocar numa apresentação, eu escolhi Odeon pra tocar. Só que esse Odeon para mim foi muito diferente... ritmo... principalmente ritmo, porque eu estudava música clássica... quer dizer... estudava Czerny, assim de método, né? Mas aquela obra Odeon de Nazareth para mim foi difícil, mas além disso eu gostei muito desse ritmo diferente na criança [?]. A primeira oportunidade em que eu conheci uma pianista brasileira, Clara Sverner no Japão. Ela fez masterclass, aula em público, e eu participei para tocar Odeon, para ver como a pianista brasileira acha que eu to tocando o Odeon. E esse encontro com ela que depois mais tarde eu queria estudar com ela aqui no Brasil para saber cultura do Brasil, falar português, para sentir cultura para tocar obra de Nazareth melhor do que ficar no Japão... acho que tinha que conhecer o Brasil pra tocar obras do Nazareth.

Luiz Antônio de Almeida: Agora, no Brasil me entristece porque é uma dificuldade... Tudo é difícil... Pra você conseguir organizar um evento com as obras de Nazareth você tem que ter um bom piano, um bom pianista, é uma grande dificuldade... E isso me entristece. Na terra do compositor, né? Vendo essa dificuldade toda em relação ao descaso para com a obra dele...

4º Bloco

Ameno Resedá (Maria Teresa Madeira – gravação comercial)

Em 1932, Ernesto Nazareth apresentou-se com um recital somente com composições próprias no Estúdio Nicola, no Rio de Janeiro. Em seguida, embarca para o Rio Grande do Sul em uma nova turnê que acabou estendendo para o Uruguai, onde sofreu sua primeira crise nervosa dentro da casa de instrumentos musicais Julio Mousqués. A partir desta séria crise, Ernesto Nazareth não voltaria mais a ser a mesma pessoa.

Luiz Antônio de Almeida: O Ernesto foi pra Colônia no final de 1932, e de lá só saiu morto. Foram os piores meses da vida dele porque ele estava completamente alucinado. Ele tinha momentos de lucidez, ele até almoçava às vezes com a filha, a filha visitava com ele. Mas às vezes começa a conversar coisas inconvenientes, falava coisas da filha, das pessoas, sabe, coisas assim tipo pra agredir. Se você tinha um segredo, se você contasse um segredo pro Nazareth no tempo em que ele funcionava bem, ele depois falava o que aconteceu. Ou seja, ele tinha perdido completamente o senso crítico, a autocrítica. Óbvio, estava louco. Mas isso aí era uma coisa muito triste porque um homem que foi uma criatura maravilhosa, eu às vezes não me importo como ele foi, o que aconteceu com ele na Colônia Juliano Moreira porque as coisas pelas quais ele passou na Colônia, que não foram fáceis, eu aceito isso, ou entendo isso como o fruto de uma pessoa louca, uma pessoa fora do seu juízo. Agora, o que aconteceu com ele foi que no dia 1º de fevereiro de 1934, no dia em que o filho dele, o Ernestinho fazia aniversário, ele fugiu da Colônia. Exatamente acreditavam, na época, que ele tivesse ido procurar o filho dele. E talvez até tivesse, porque foi coincidência demais o dia 1º de fevereiro. E ele então desapareceu da Colônia, e as pessoas não mais o encontraram, acharam que ele tivesse fugido. E três, quatro dias depois, realmente acabaram encontrando o Nazareth morto, o corpo dele apareceu boiando dentro da represa que ainda hoje abastece de água a Colônia Juliano Moreira. E o curioso de tudo isso, é uma coisa até talvez tenebrosa, é que quando encontraram o corpo dele, ele estava dentro da água com as mãos pra frente, como se tivesse tocando piano, e o corpo dele balançando assim, ele em pé, ou seja, na posição vertical. E nós sabemos que um corpo de um afogado, quando emerge, ele emerge ou de costas, ou de barriga pra cima porque os intestinos vão produzindo gases... e ele não, ele emergiu com as mãos pra frente e em pé, como se estivesse tocando piano, e isso foi uma coisa impressionante porque quando tiraram o corpo dele, por causa da rigidez cadavérica, colocaram um lençol nele, e quando ele chegou, quando eles o trouxeram da represa lá pra casa do administrador, ele com aquelas mãos pra cima... inclusive parecia que ele estava vivo debaixo do lençol, foi um momento assim muito triste, foi talvez um dos maiores choques que a família viu.

Letreiro: Hoje, no Rio de Janeiro, a Colônia Juliano Moreira dedica à memória de Ernesto Nazareth um espaço cultural, que leva seu nome. Um das únicas homenagens prestadas a Nazareth.

Placa no espaço cultural da Colônia Juliano Moreira: “Espaço Ernesto Nazareth – Ernesto Nazareth, pianista, nascido no Rio de Janeiro em 1861 (sic). [a data correta é 1863]. Faleceu em 1934 com 73 anos (sic) [a idade correta é 71 anos], afogado na represa da Ex-Colônia Juliano Moreira, onde se encontrava internado. Compositor e intérprete de Choro, Polca e Tango. Teve como companheiros e parceiros Pixinguinha, Catulo da Paixão Cearense e Villa-Lobos. Reconhecido pela Semana de Arte Moderna como compositor de raízes nacionalistas, consolidou o Choro através de influências estrangeiras.”
[filmagens do espaço cultural]

Brejeiro (Maria Teresa Madeira- gravação feita para o programa)

Trechos de notícias da época:

“Desaparecimento do Maestro Ernesto Nazaré [sic] – Encontraram-no finalmente, morto, na cocheira [cachoeira] da Colônia de Psicopatas. – Noticiamos, domingo, o desaparecimento, em circunstâncias misteriosas do aplaudido maestro Ernesto Nazaré, que estava recolhido há dez meses, à Colônia (...)”

“La Mort du Compositeur Ernesto Nazareth – Le monde musical brésilien vient de perdre um de ses artistes les plus populaires et les plus originaux, Ernesto Nazareth, mort les 5 février, d’une façon tragique. Lorsque l’historien de l’avenir aura à étudier les premières manifestations de l’art musical autochtone, ou plutôt les premières tentatives pour la création de la musique brésilienne – création lente et ardue parce qu’une musique nationale ne s’improvise guère – il devra prendre note l’influence exercée par l’ouvre de Nazareth”

Tradução: "A morte do compositor Ernesto Nazareth - O mundo musical brasileiro acabou de perder um dos seus artistas mais populares e originais, Ernesto Nazareth, falecido de um modo trágico no dia 5 de fevereiro. Quando futuro historiador tiver que estudar as primeiras manifestações da arte musical autóctone, ou melhor, as primeiras tentativas para a criação da música brasileira -criação lenta e árdua porque uma música nacional não se inventa facilmente - ele deverá tomar conta da influência exercida pela obra de Ernesto Nazareth".

Narrador: Villa-Lobos, que sintetizou em música a alma brasileira, disse de Ernesto Nazareth: “é a verdadeira encarnação da alma musical brasileira. Ele transmite, na sua índole admirável espontaneamente as emoções vivas de um determinado povo cujo caráter apresenta tipicamente na sua música.”

Ricardo Cravo Albim: Não há o por que não se indignar, uma consciência crítica ficar indignada, em relação à falta de respeito à memória musical do Brasil. Mas o que é isso?! Um país com a veemência, com a qualidade da sua música popular não se respeita a si próprio e deixa esquecidos de uma geração pra outra ou de muitas gerações pra muitas outras gerações os seus vultos mais estimulantes. Ernesto Nazareth é um, mas Pattapio Silva, cadê a memória dele? Está totalmente esmaecida. Cadê Viriato, que está totalmente desconhecido? Cadê Anacleto de Medeiros? Cadê a própria Chiquinha Gonzaga? Esta, felizmente mais revigorada graças ao teatro, daqui a pouco chega no cinema, uma pioneira absolutamente essencial. Ary Barroso, outro essencial a partir da década de 30 agora está merecendo 100 anos graças a Antônio Olinto, graças aos seus biógrafos tão importantes que o antecederam. Mas o fato concreto é que o compositor brasileiro é muito mais esquecido do que lembrado.

Sagaz (Maria Teresa Madeira- gravação comercial)

Maricenne Costa: Memória é muito importante. Você saber o que que aconteceu antes de você estar aí vivo. O que que aconteceu, o que que se tocava antes? O que era importante? Como era tocado, aonde? Tudo isso.

Fernando Faro: A gente tem que correr atrás, e conhecer mais Nazareth, as partituras, o trabalho dele, desde o brejeiro até as últimas coisas que ele fez. E lamentar o destino dele... que teve aqueles problemas de cuca... que fugiu pra uma mata... vocês sabem a história. E morreu logo depois.

Luiz Antônio de Almeida: E quando eu vejo, como eu falei, quando eu vejo isso sendo editado no mundo inteiro, essa obra saindo no mundo inteiro, sabe? Sem nenhum apoio... Não há uma instituição governamental que publique uma obra de Nazareth e mande distribuir em algum lugar como fazia antigamente o nosso Itamaraty, que fazia catálogos, imprimia obras, e divulgava. Hoje não existe mais isso. Então eu fico muito feliz de ver que pelo valor intrínseco da obra de Nazareth, ela tem uma força tão grande, que ela sozinha está se projetando. Eu acho que o legado do Nazareth é levar ao mundo uma arte nobre, uma arte importante, e uma arte brasileira.

Oswaldo Lacerda: Mas parece que agora está melhorando em relação a 20 ou 30 anos atrás. Está havendo aí um bom número de pessoas empenhadas nisso. Agora o que nos falta seriam musicólogos profissionais. Como se diz “quem não tem cão caça com gato”, e os gatos aí seriam os musicólogos amadores, que fazem um trabalho muito útil, mas não tanto como seria com musicólogos profissionais. Nós temos, mas muito poucos. E necessitava dessa gente formada para pesquisar todo tipo de música do Brasil. Música folclórica, música popular, e a música erudita. Em todo caso, muito pouco a pouco está melhorando.

Brejeiro (Maria Teresa Madeira – filmagem feita para o programa)



Ficha Técnica:

Narração: Roberto Francisco

Depoimentos:

Luiz Antônio de Almeida

Eudóxia de Barros
Maria Teresa Madeira
Osvaldo Lacerda
Yuka Shimizu
Ricardo Cravo Albim
Reynaldo Tavares
Fernando Faro
Maricenne Costa

Intérpretes de Nazareth:
Eudóxia de Barros
Maria Teresa Madeira
Yuka Simizu

Roteiro e pesquisa:
Dimas de Oliveira Júnior

Produção:
Jefferson Cardoso

Direção artística:
Dimas de Oliveira Júnior

Captação de imagens e dir. fotografia:
Luis Felipe Harazim

Direção de edição:
Luis Felipe Harazim

Edição:
Pedro Rosa Mendes

Tratamento de stills:
Tânia Mara Fernandes

Direção geral:
Dimas de Oliveira Júnior
Luis Felipe Harazim

Produção executiva:
Branca Regina Rosa

Material pesquisado:
Pesquisa – Luiz Antônio de Almeida
(Rot. adaptado das pesquisas do biógrafo)

Acervo de imagens:
Luiz Antônio de Almeida

Trilha sonora:
Fonogramas cedidos por:
Revivendo Discos
Ernesto Nazareth- Maria Teresa Madeira
Sonhos e Sons

Cessão de imagens:

That's Entertainment III
Warner Bros – Warner Home Vídeo Div.

Melody Time's – Walt Disney
Buena Vista International

Agradecimentos:
Edino Krieger
Valéria Ribeiro Peixoto
Nilcemar Nogueira
Coleção Luiz Antônio de Almeida
Acervo Ernesto Nazareth
Alexandre Bicalho Vieira
Ana Caroline Stringuini
Cecília Conde
Conservatório Brasileiro de Música (RJ)
Fund. Museu da Imagem e do Som (RJ)
Instituto Moreira Salles (RJ)
Juarez Antônio de Almeida
Colônia Juliano Moreira

Equipe STV:
Direção de programação:
Robson Moreira

Direção geral:
Sandra Regina Cacetari

Apoio Cultural:
Boomerang
Editora Contexto
Moderna

Produção:
We Do Comunicação
(www.wedocomunicacao.com.br)